

«Ponto Final Parágrafo» – Anatomia de uma frase

Ponto Final Parágrafo – Elogio crítico à Universidade pelos alunos finalistas de Design de Comunicação é o título que congrega as várias manifestações de exposição dos resultados da atividade académica dos discentes na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, no ano letivo de 2013/14. Entendamos este texto como um esclarecimento sobre os valores inerentes à sua construção.

Dos cerca de 32 milhões que compõem a população marroquina, três quartos são descendentes de berberes — um dos povos mais antigos do continente africano; cerca de um terço da população comunica através da língua berbere. Em Marrocos ensina-se berbere na escola oficial há cerca de quatro anos. Como principal argumento para esta omissão cultural, o poder político vigente declarava que não se podia ensinar uma língua que não tinha gramática. Mohamed, um berbere que sempre viveu na pequena localidade de Aït-Benhaddou, às portas do deserto do Saara, é um homem aberto ao mundo que o rodeia. É ele quem nos explica que o berbere rege-se por um alfabeto que descende do grego. Como «ponto final» deste alfabeto, a letra «Z» corresponde a «Ж» e representa o Homem livre ou a liberdade. Diz-nos com orgulho que, finalmente, a sua filha mais velha vai poder aprender a escrever «liberdade» na língua com que proferiu as suas primeiras palavras. O ensino é, aqui, como em qualquer lugar no mundo, um exercício de poder.

Podemos olhar para este facto simplesmente como uma parábola. Proponho olhá-lo como um exercício: como comparar a importância do ensino de uma língua nos curricula oficiais nacionais, com o ensino das linguagens autónomas de uma disciplina em contexto universitário? Decorridos 40 anos sobre a introdução do curso de Design de Comunicação no sistema de ensino superior, é de supor que existe um discurso próprio da disciplina. Contudo, uma dúvida persiste: continuaremos a adaptar os códigos de campos de conhecimento adjacentes, ou ensinamos, no presente, o «alfabeto» e «gramática» exclusivas do design de comunicação?

Em 2014, e na senda de anos anteriores, ficámos a conhecer a lista das dez licenciaturas com nota de acesso mais elevada: Design de Comunicação na FBAUL figura na sétima posição, sendo a segunda nota mais elevada na Universidade de Lisboa. Este registo marca, sem dúvida, uma primeira relação dos alunos com o seu curso

e a sua universidade, expressa numa expectativa elevada partilhada por alunos e professores, em particular no que concerne ao primeiro ano de licenciatura. Mas como evolui esta relação ao longo dos três anos que a compõem? Como se constrói um vínculo entre os alunos e a cultura de ensino das Belas-Artes e da Universidade de Lisboa? Como é que este se exprime no percurso dos alunos? Em suma, quais os valores que informam a transformação do indivíduo em designer, num contexto académico?

No final da licenciatura em design de comunicação propusemos uma reflexão sobre a universidade como contributo a um debate em expansão. Dada a sua complexidade, poucos serão aqueles que conseguem olhar a universidade de um ponto de vista crítico. Consideramos entre os mais aptos aqueles que desta usufruem diretamente — os seus alunos. Contudo, raramente ouvimos as suas vozes. Este ano letivo, ambicionámos que o comentário às estruturas e espaços de aprendizagem se iniciasse com os alunos finalistas de Design de Comunicação.

A universidade como espaço político para além de cultural (ou, por outras palavras, por uma cultura política)

Em 1946, Karl Jaspers definia a missão da universidade como «o lugar onde por concessão do Estado e da sociedade uma determinada época pode cultivar a mais lúcida consciência de si própria» (Santos 1989). A motivação central da comunidade académica deveria ser a procura incondicional da verdade, através de métodos de investigação sistemáticos. Ao admitir que o âmbito da verdade transcende o da ciência, Jaspers defendia que a universidade era um centro irradiador de cultura, em defesa da educação do homem como um todo. O ensino, vocação central da universidade, deveria ser orientado para uma formação holística, mesmo nas que se dirigem ao ensino de aptidões profissionais. Isto leva-nos a pensar a universidade, menos como uma instituição, e mais como uma ideia e um ideal — um lugar privilegiado para a formação de uma consciência crítica. Um lugar ativo de produção cultural.

Na senda desta aceção, em «The future of the profession or the university without condition», Jacques Derrida (2002) define os princípios que regem o modelo europeu de universidade: uma liberdade incondicional para questionar e verificar, o direito de afirmar publicamente a verdade através dos processos de investigação, conhecimento e pensamento. Para o autor, a «universidade professa a verdade e essa é a sua profissão»; deve ser, portanto, uma instituição autónoma nos seus discursos, escrita e pensamento — lugar para uma resistência crítica. No melhor dos seus sentidos, a universidade é um local de comunicação e partilha, onde se juntam os interessados

em participar na construção e disseminação do conhecimento – o movimento muitas vezes intangível que Deleuze (1989) falava em «P de Professor».

Mas para onde se dirige a ideia e funções da universidade sob a égide de um e(E)stado de(em) crise?

Perante o eminente desmantelamento do Estado Social, a valorização do que é «público» (ou universal) — como garante maior da democracia — assume um caráter de urgência. Deste modo, preferimos entender que, colocar em crise (=crítica) implica, simplesmente, disponibilizarmo-nos para uma permanente revisão das práticas e princípios que governam hoje a universidade. E, acima de tudo, afirmarmos uma posição alinhada com uma densa e profusa genealogia de crítica, inovação pela investigação, autonomia, dissidência e resistência – valores recorrentes (ousemos dizer, universais) da universidade. Vestimos a camisola dos seus valores essenciais para nos prepararmos para o seu escrutínio; com este gesto, procurámos prestar um tributo ao seu valor cultural, social, político e científico. Noutras palavras, revemos nos valores da universidade uma oportunidade ou contracampo únicos à atualidade.

**O prazer da dúvida: o ensino como um sistema
de transmissão de confiança e otimismo
através de uma permanente interrogação**

Entusiasmo, confiança e otimismo são, nos nossos dias, palavras usadas.

Numa época em que as universidades perdem autonomia (uns dirão que por motivos económicos, outros ideológicos) e as coloca sob a égide dos mercados, da eficiência, dos planos estratégicos, dos lucros e das parcerias, da competição, da profissionalização, da inovação, dos *rankings*, pensar simplesmente a autonomia de um discurso próprio é uma contra reação simples ao «estado das coisas».

A universidade é campo para o otimismo precisamente por ser «o lugar em que nada está fora de questão» (Derrida 2002), em que se valoriza a ciência em vez da profissionalização (que, numa sociedade em permanente devir, é um critério sob o risco da desatualização). Por outras palavras, em qualquer discurso científico, a dúvida é o motor da investigação. Não sendo exceção, a educação superior em design nunca pode ser um corpo de conhecimento estático.

A questão ontológica «O que a disciplina deve ser?» alimenta o entusiasmo de qualquer professor de design de comunicação na FBAUL. O prazer desta e de outras dúvidas é transmitido aos nossos alunos que por sua vez nos é devolvido através da sua evolução e produção. Dos postulados da academia – talento/*métier*/imitação – e da Bauhaus – criatividade/*medium*/invenção – chegamos a um

novo postulado que parece governar o ensino das artes e do design – a tríade atitude crítica/prática/desconstrução (De Duve 1993). Baseados nesta premissa, incentivamos uma prática projetual baseada em inquéritos de natureza filosófica — mais «porquê?» e menos «como». Aqui, a prática do design rege-se por premissas de «contra design» (no sentido de contracultura, ou seja, de uma posição que interroga o design enquanto resolução do problema), que prefere enfatizar a urgência de um discurso próprio, motivado pelas grandes questões do nosso tempo e da nossa sociedade. Este debate contínuo, inconclusivo, incompleto, de tentar entender o que é o design de comunicação, é absolutamente urgente — o motor para a evolução de uma prática. Motiva-nos circunscrever um design em potência, aquilo que ainda não sabemos exatamente o que é, menos preocupado com o sucesso do que com a tentativa ou experimentação. Obviamente que este ideário entra frequentemente em colisão com lógicas de eficiência, produtividade e resultados. A nossa posição implica a defesa de um conhecimento que tem por mais valia um estado de «não saber» — onde um sentido de direção do estudo é permeado frequentemente por ações de exploração, experimentação ou experiência estética. Queremos crer que é precisamente esta posição que coloca um suposto conhecimento científico das artes e do design num lugar único.

Sem dúvida que acreditamos que ao último ano de licenciatura corresponde, igualmente, um conjunto de certezas sobre o que é o design. Contudo, o presente ano letivo ficou marcado pela presença indelével do prazer da dúvida. Foram as questões que despoletaram a grande maioria dos projetos agora apresentados. O que é ser estudante do ensino superior em Portugal? Qual o futuro do investimento do Estado nos seus alunos? Como é que este se reflete no período pós-formação (ou como capitaliza o Estado o seu investimento nos alunos da escola pública)? Devemos pensar uma Universidade à escala de um país ou à escala global? Quais os valores transmitidos por uma educação superior em design e como é que estes podem ser contributos à situação que vivemos? Qual o contributo do design à comunidade académica? Qual(ais) o(s) perfil(is) de um aluno de design? Que educação em design queremos ou qual a que mais se adequa a tempos de austeridade (quando a licença para exercer uma profissão deixa de ser o resultado expectável de uma licenciatura)? A estas adicionámos outras questões que nos obrigaram mais uma vez a um sentido de permanente autocrítica: O que significa publicar a atividade projetual de finalistas de DC? Como pode este momento refletir sobre a situação atual do ensino das artes num contexto universitário? Como desejamos que seja esta escola e este curso?

Com o prazer de saber perguntar, moldámos um conjunto de princípios editoriais. Por exemplo: organizámos uma tertúlia que reuniu um conjunto de perguntas formuladas pelos alunos finalistas e dirigidas a um arquétipo de professor de DC; desta sessão extraímos as questões que nortearam os textos do Diretor da Área – Victor M Almeida, da Coordenadora do 1º ciclo – Cândida Ruivo e de alguns dos professores responsáveis pela atividade projetual do último ano de licenciatura – Filipe Cunha Monteiro, João Ferreira e Sofia Rodrigues. Partindo de questões essenciais em torno da educação, desenvolvemos um conjunto de publicações sobre os valores que dirigem, atualmente, a educação em design. Muitas destas questões passaram inclusivamente para a superfície da página, para que pudessem gerar novas perguntas, respostas e debates. No fundo, as questões foram o mote para iniciarmos regimes de conversação – uma estratégia para a criação de um discurso partilhado que gera e consolida uma comunidade.

«Já me posso ir embora?»

Sobre a dificuldade acrescida de olhar para dentro no momento que antecipa a saída

«Já me posso ir embora?» foi uma das questões lançadas por uma aluna finalista a um arquétipo de professor de DC. Esta é, se quisermos, a questão padrão de todo e qualquer aluno finalista, revestida de uma tensão ou ansiedade que obviamente toca todos aqueles que vivem de perto a sua condição, professores obviamente incluídos. Estarão estes alunos preparados para darem resposta a outros desafios? Para assumirem o ponto final da sua formação mas, em simultâneo, o início de um novo ciclo?

Paradoxalmente, no ano letivo de 2013/14, a conclusão de uma licenciatura incitou os seus alunos a olharem para dentro; promovemos uma reflexão sobre os lugares onde ainda se encontravam — a Universidade, a Faculdade de Belas-Artes, a Licenciatura em Design de Comunicação, a sala de aula — o que não dispensou, contudo, de pensarem o local para onde se dirigem.

Vimos como a vocação ou a responsabilidade do ensino do design em contexto universitário passa por expandir os limites da disciplina ou, no mínimo, interrogá-los. Em suma, a atitude ou pensamento crítico implica entrar numa discussão coletiva e engajada, consciente dos valores históricos e teóricos da disciplina.

Para a exposição dos resultados dos alunos finalistas seguimos uma estratégia de envolvimento que integrou a participação de todos os alunos: não só os responsáveis pelos seus objetos centrais de apresentação — exposição e comunicação pelos alunos Ana Vanessa Costa, Luís Martins, Marta Duarte, Raquel Guerreiro; publicação e

fotografia dos projetos por Angelina Velosa, Claudia Devesa, Joana Pardal, Joana Pinheiro, Mariana do Vale; implementação *web* por Ana Cotovio e Nina Sodagar – mas por todos os alunos do terceiro ano da licenciatura que, em conjunto, refletiram sobre as implicações intrínsecas ao pensar o design como um evento ou ao pensar a forma como atitude — seguindo a máxima de Harald Szeemann. Instigámos o desenho de propostas que não se esgotassem nos modelos exposição e publicação, mas os expandisse e afirmasse. Um conjunto de ações desenhou uma programação cultural que foi ocorrendo, em particular, a partir do último semestre. Os projetos encontraram configurações múltiplas como: produção editorial, exposições, instalações, plataformas digitais, ciclos de cinema, modelos de ensino-aprendizagem (como conferências, seminários, salas de leitura, *workshops*, cursos alternativos, etc.), tertúlias, performances, entre outros.

Muito antes de uma forma, frequentemente, foi o texto o primeiro passo para pensar a prática. A leitura de autores cujo campo de conhecimento ou ação está para além do design, ou a escrita original de um texto pelos alunos, surgiram antes do desenvolvimento das componentes gráficas. O trabalho produzido visualmente esteve em forte dependência com a escrita: sem com isto afirmarmos que um prevaleceu sobre o outro. Tudo isto implicou uma discussão sistemática dos conteúdos, sem esquecermos uma outra máxima: «forma é conteúdo».

A publicação que agora tem em mãos quis ser um testemunho de todos estes os valores. Para sublinhar o seu enquadramento num contexto académico que, por sua vez, é o mote e temática da produção, esta publicação foi organizada em função dos enunciados lançados nas disciplinas com atividade projetual neste último ano da licenciatura (Design de Comunicação IV e V, Audiovisual e Multimédia I e II, Design Editorial I e II, Webdesign I e II). Mais do que documentos formais, quisemos sublinhar o valor dos discursos que deram origem aos projetos. Deste modo, os enunciados ganharam uma materialidade e surgem na publicação enquanto separatas para que, seguindo uma lógica causa/efeito, se possa construir uma leitura paralela ou cruzada com os resultados ou projetos presentes no volume principal.

Tendo em conta o natural atrito da representação dos objetos de design de comunicação dentro do seu espaço paradigmático — que frequentemente nos traz ao paradigma das páginas dentro de páginas — procurámos ainda defender uma contextualização mais ampla dos resultados. Para ler a atividade projetual, passámos inevitavelmente pela representação fotográfica dos projetos mas, também, pela inclusão de um conjunto de discursos que não só infor-

maram a prática (textos de autores referenciais que foram o motor dos exercícios) como formaram a prática (conjunto de conteúdos que definiu e foi parte integrante dos projetos). Quisemos também expandir o território dos potenciais leitores: dos pares da prática do design (professores, alunos, designers) ao público interessado pelas temáticas educação, ensino, universidade. Com este gesto procurá-mos contrariar o natural encerramento de uma comunidade sobre si própria, e contribuir para a discussão do que são, hoje, os valores do ensino superior em design, posicionando-o sobre o conjunto de valores da educação como direito público ou universal.

Ambicionámos que estes projetos operassem nas dimensões sociais, culturais e políticas da universidade, e que revelassem o sentido de pertença a uma comunidade – estar numa escola é entender que nos encontramos num espaço privilegiado de colaboração e produção. Ao partir da premissa «não existe escola sem comunidade escolar», verificamos que este projeto não teria existido se não fosse o esforço e cumplicidade de alunos e professores de DC, pessoal não docente, corpo administrativo e político da Faculdade de Belas-Artes e da Universidade de Lisboa. A todos, o nosso sincero obrigado por tornar possível esta celebração aos valores fundamentais da educação.

Sofia Gonçalves

**Docente de Design de Comunicação IV
e Design de Comunicação V**

DE DUVE, Thierry (1993), «When Form Has Become Attitude – And Beyond» in Zoya Kocur e Simon Leung (eds.), *Theory in Contemporary Art Since 1985*, Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire (1988-89), «P de Professor» in *O Abecedário de Gilles Deleuze*, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=JagcUtuyd4o>> e <<http://www.youtube.com/watch?v=NVE4k9Evroo>>
DERRIDA, Jacques (2002), «The future of the profession or the university without condition (thanks to the 'Humanities,' what could take place tomorrow)» in Tom Cohen (ed.), *Jacques Derrida and the Humanities, a Critical Reader*, Nova Iorque: Cambridge University Press.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1989), «Da Ideia de Universidade à Universidade de Ideias», disponível em <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Da_ideia_de_universidade_RCCS27-28.PDF>